



A TERRITORIALIDADE HOMOAFETIVA EM SALVADOR (BA) NO BAIRRO RIO VERMELHO

LA TERRITORIALIDAD HOMOAFECTIVA EN SALVADOR (BA) EN EL BARRIO RÍO VERMELHO

Celio Silva Meira – UCSAL – Salvador – Bahia - Brasil
celiomeira2014@gmail.com

RESUMO

O presente texto objetiva discutir sobre a territorialidade homoafetiva enquanto um elemento da identidade relacionado às minorias sexuais dentro dos espaços urbanos. Trouxemos como campo empírico, o Bairro do Rio Vermelho na capital baiana, por ser um território de “liberdade” para as minorias que expressam suas condições sexuais diferentes da heteronormatividade. Partimos das seguintes indagações: Por que alguns espaços especialmente das grandes cidades brasileiras se tornam verdadeiros guetos/redutos destinados a esses coletivos humanos? O que levam essas pessoas a elegerem determinados territórios como sendo destinado para a sua sociabilidade/moradia? Também tomaremos como referencial histórico da luta pela visibilidade gay o famoso Bar nova-iorquino o Stonewall, palco de uma série de manifestações de membros da comunidade LGBT em junho de 1969.

Palavras-chaves: territorialidade urbana, Stonewall, sociabilidades gays.

RESUMEN

El presente texto objetiva discutir sobre la territorialidad homoafectiva como un elemento de la identidad relacionado a las minorías sexuales dentro de los espacios urbanos. Hemos traído como campo empírico, el Barrio del Río Rojo en la capital baiana, por ser un territorio de "libertad" para las minorías que expresan sus condiciones sexuales diferentes de la heteronormatividad. Partimos de las siguientes indagaciones: ¿Por qué algunos espacios especialmente de las grandes ciudades

brasileñas se convierten en verdaderos guetos / reductos destinados a esos colectivos humanos? ¿Qué llevan a esas personas a elegir determinados territorios como destinados a su sociabilidad / vivienda? También tomaremos como referencial histórico de la lucha por la visibilidad gay el famoso Bar neoyorquino el Stonewall, escenario de una serie de manifestaciones de miembros de la comunidad LGBT en junio de 1969.

Palabras claves: territorialidad urbana, Stonewall, sociabilidades gays.

INTRODUÇÃO

As questões ora aqui apresentadas, objetivou discutir acerca dos espaços urbanos que acabam naturalmente ou intencionalmente, no transcorrer da história, sendo destinados a determinados tipos de coletivos humanos. No caso em questão, às minorias gays. Este texto foi fruto das colocações e intervenções na disciplina: *Cidadanias e Identidades e Novos Aportes em Políticas: Teoria da Distribuição e do Reconhecimento; Democracia Radical e Crítica Marxista*. Ministrada pela Prof. Dra. Mary Garcia Castro do Programa de Pós-Graduação em Políticas Sociais e Cidadania da Universidade Católica do Salvador (UCSal), em conjunto com pesquisadores de outras instituições de ensino.

Para a realização desta pesquisa, usamos a metodologia da entrevista semiestruturada e a observação participante, para a coleta dos dados aqui apresentados. O termo é uma combinação do papel do pesquisador (participante de algum modo) com uma técnica real de coleta de dados (observação). Nesse propósito:

Na observação participante, nunca há nada realmente completamente fora dos eixos – nos momentos informais de conversação surgem com frequência pistas proxêmicas e cinésicas importantes, bem como pistas sobre valores e atitudes das pessoas. Assim, mesmo se a conversação parece casual, você não pode estar totalmente “de folga” [...] é feita em campo, em cenários de vida real. O observador tem assim, em maior ou menor grau, um envolvimento com aquilo que está observando (ANGROSINO, 2009, p. 64-65).

As entrevistas foram aplicadas junto à comunidade LGBT que frequenta as casas noturnas do Bairro do Rio Vermelho, tais como: boates, bares, espaços públicos, no período compreendido entre Novembro de 2017 a Março de 2018, escolhemos este espaço de tempo justamente por ser o período em que a cidade

recebe o grande fluxo de turistas de todos os lugares do Brasil e do mundo.

As entrevistas foram gravadas e depois transcritas e os depoimentos usados para compor este artigo, os nomes dos entrevistados foram substituídos por pseudônimos, a fim de evitar qualquer constrangimento aos mesmos, uma vez que muitos das pessoas que entrevistamos disseram que ainda não assumiram sua condição de homossexual às famílias e alguns amigos.

As discussões teóricas acerca do sistema gênero/ sexo/sexualidade deram nas últimas décadas um salto significativo em produção acadêmica no campo das chamadas Ciências Sociais. Ao passearmos, por exemplo, pela obra de Stuart Hall (2003) nos faz lembrar a importância do desenvolvimento dos Estudos Culturais para trazer à tona questões sociais até então invisibilizadas pelo conhecimento acadêmico-científico.

Pereira (2004) compreende que esta afirmativa pode-se estender aos homossexuais. Nos últimos tempos, por meio das inúmeras militâncias e a sua inserção nas esferas de influência política ou nas esferas do saber, seja em Universidades, Organizações não governamentais e/ou Associações vem buscando questões e discussões sobre homofobia para muito além das fronteiras das minorias que são historicamente estigmatizadas. Buscando um diálogo entre todos os segmentos sociais e galgando algumas conquistas para uma população que sofre, ainda na contemporaneidade, com crimes de ódio que ocorrem diariamente e que muitos ainda não são noticiados pelos meios de comunicação, ora por medo da exposição, ora por receio de perder a própria vida. Como dito anteriormente, essa população que historicamente foi discriminada e vítima de violência, como aponta o relatório da Comissão Nacional da Verdade:

A discriminação contra lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros (LGBT) não surgiu durante a ditadura. Suas origens remontam a períodos muito anteriores da história brasileira. A homofobia esteve sempre embutida em diversas esferas e manifestações da cultura em nosso país: nos discursos médico-legais, que consideravam a homossexualidade uma doença; nos discursos religiosos, que condenavam o ato homossexual como pecado; em visões criminológicas conservadoras, que tratavam homossexuais como um perigo social; e em valores tradicionais que desqualificavam e estigmatizavam pessoas que não se comportavam de acordo com os padrões de gênero

prevalentes, sendo vistas como anormais, instáveis e degeneradas, caracterizando a homossexualidade como um atentado contra a família (BRASIL, 2014, p. 300).

Inúmeras e variadas questões complexas surgem ao abordar a temática da homossexualidade na nossa sociedade, desde os tempos mais remotos até a contemporaneidade. É um tema que sempre esteve rodeado de tabus e preconceitos dos mais variados tipos, começando pelo entendimento de o porquê um indivíduo se “torna” homossexual até a importância de estudar esse grupo e por quais conflitos essas pessoas passam, dentre outras questões e curiosidades.

Contemporaneamente, muitas mudanças têm ocorrido e muito tem se discutido sobre a diversidade, as diferenças e as conquistas da comunidade GLBT, sigla essa que sofreu alteração no congresso nacional de gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais, realizados em Brasília no ano de 2008, que vem dividindo opiniões dentro da própria comunidade, passando a usar a partir de então a sigla LGBT¹.

O artigo 1º da Declaração Universal dos Direitos Humanos, adotada pela Organização das Nações Unidas e elaborada por representantes de diferentes origens jurídicas e culturais de todas as regiões do mundo já apregoava no momento da sua elaboração nos idos de 1948 que *“Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e em direitos. Dotados de razão e de consciência, devem agir uns para com os outros em espírito de fraternidade.”*, no entanto, as diferenças ainda são vistas com estranheza para muitos, sobretudo, quando fogem aos padrões dominantes na sociedade, a chamada *“heteronormatividade”*² o que faz com que ela se transforme em desigualdade, resultando em grupos que ficam à margem da sociedade, não podendo usufruir de forma plena seu direito à liberdade e do exercício da cidadania.

As minorias LGBT são vitimadas cotidianamente pelos mais diversos tipos de preconceitos, começando pelas próprias famílias que não aceitam suas orientações sexuais, pela escola que não compreende e não sabe como lidar na maioria das vezes com esse “tipo” de aluno, no ambiente de trabalho e finalmente a própria sociedade

¹ Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (SEFFNER, 2011, p. 57).

² Por heteronormatividade, entende-se a reprodução de práticas e códigos heterossexuais, sustentado pelo casamento monogâmico, amor romântico, fidelidade conjugal, constituição de família (esquema pai-mãe-filho (a) (s)). Na esteira das implicações da aludida palavra, tem-se o heterossexismo compulsório, sendo que, por este último termo, entende-se o imperativo inquestionado e inquestionável por parte de todos os membros da sociedade com o intuito de reforçar as práticas heterossexuais (MIRANDA, 2010, p. 84).

que os escorraçam de todas as maneiras do meio social. Onde muitos gays acabam tendo a marginalidade como alternativa de vida, e, as consequências na maioria dos casos são terríveis para esses seres humanos. Os espaços por onde estes coletivos transitam na maioria das vezes lhes são hostis, não oferecendo quase ou nenhuma oportunidade de expressarem seus desejos, opiniões, ou melhor, serem o que eles realmente querem ser enquanto gente. Vários são os relatos de homossexuais acerca das agressões sofridas nos mais variados ambientes da nossa sociedade.

Vários desses ataques são motivados por homofobia, segundo um estudo realizado pela Secretaria da Saúde do Estado de São Paulo, em parceria com a Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de Misericórdia com 1.217 homossexuais da capital paulista e publicado pela *Revista Carta Capital* de 26 de julho de 2012 na versão digital. Revela que “70% dos homossexuais já sofreram algum tipo de agressão, 62% dos entrevistados disseram ter sofrido agressões verbais, enquanto 15% sofreram agressão física e outros 6%, violência sexual”.

No caso dos homossexuais, por sua história e recente luta por visibilidade, é possível perceber que cada vez mais a identidade homossexual ganha espaço. Pode-se dizer que esse grupo se encaixa no que Pierre Bourdieu (2017) chama de “campo social”, pois entre os grupos de homossexuais são encontradas muitas vezes verdadeiras famílias, tendo elas seus espaços de vivência, também definidos como “regiões morais”, bem como seus conjuntos simbólicos, e ao mesmo tempo mediados pelo que Hall e Woodward (2000, p. 32) chama de “significados culturais sobre sexualidade que são produzidas por meio de sistemas dominantes de representação”.

STONEWELL: O INÍCIO DA LUTA PELO “EMPODERAMENTO” LGBT

Stonewell é uma palavra com forte significado para a comunidade LGBT. Em 1969, os atos homossexuais eram ilegais em todos os estados norte-americanos, exceto Illinois.

Ribeiro (2011), o Stonewall Inn já foi um símbolo de esperança para os direitos gays, embora hoje seja um bar sossegado e discreto em Nova Iorque localizado no Greenwich Village, em 1969, o local que era comandado pela máfia foi palco do

Levante de Stonewall que lançou o movimento pelos direitos gays numa época em que a homossexualidade era tida como ilegal nos EUA. Era tratada como doença mental e homens e mulheres gays eram presos, eram chamados de esquisitices ambulantes, “*era necessário limpar as ruas*” um dos seus poucos refúgios, embora sendo ilegal era justamente este espaço. Naquele contexto histórico, o clima estava ficando “*pesado*” para os homossexuais, “*todos tinham algumas história da polícia pra contar*”. Isso gerou um impacto imenso, que mesmo que você não tivesse algum problema com a polícia era como se tivesse. Na noite de 28 de junho de 1969 a polícia novaiorquina invadiu o bar, fato que deu início a um levante dramático que fez centenas de clientes gays enfrentarem um pequeno exército de policiais. A violência durou três dias, embora não tenha quase imagens ou fotos deste episódio. Para registro histórico tem apenas sete fotos deste triste acontecimento. “Os homossexuais eram presos sob o coro do preconceito de pessoas que acompanhavam a batida na porta do bar”. Ribeiro, nos afirma que:

O levante de Stonewall, fez com que pela primeira vez travestis, *drag queens*, gays, etc. se unissem para lutar contra a intolerância. Pela primeira vez todos se sentiram iguais- por serem diferentes. Iguais por causarem estranhamento ao padrão heteronormativo da sociedade. Eram *queers*, esquisitos (RIBEIRO, 2011, p. 153).

No entanto, como afirmou o filósofo canadense Charles TAYLOR

Não podemos compreender a vida humana em termos de sujeitos individuais, que primeiro criam representações para então interagir com os outros; e não podemos porque grande parte da ação humana só ocorre na medida em que o agente se compreende como parte integrante de um ‘nós’ e como tal se constitui a si mesmo (TAYLOR apud RIBEIRO, 2011, p. 154).

O eu, sozinho não basta precisamos de um reconhecimento externo. Do grupo que nos cerca, é preciso que as forças se juntem para que o processo de mudanças possa ocorrer, e foi com esse pensamento, que os frequentadores do Stonewall se valeram naquele Junho de 1969, perceberam que “*a união faz a força*”, e que segundo Hegel, seria a base de todas as lutas sociais de nosso tempo. Mesmo que exista a construção de uma identidade “*estranha*” – “*queer*” – ainda assim é importante que

essa identidade seja reconhecida: pelo outro, pelos outros, pelo Estado (RIBEIRO, 2011).

Tudo havia mudado, a partir daquele dia, gays, travestis, lésbicas perceberam que nunca iriam ser aceitos pela sociedade se ficassem apenas na espera e a depender da boa vontade dela. A rebelião mostrou que a atitude que deveria ser tomada era a do enfrentamento. O discurso mudou nada mais de pedir para ser aceito é preciso exigir respeito. Desde então as marchas foram se multiplicando e unindo cada vez mais a população LGBT no mundo, inclusive no Brasil, onde foi preciso esperar dez anos para que os primeiros movimentos pro-gay viessem a dar as caras, no início da década de 1980, como nos atesta mais uma (RIBEIRO, 2011).

Em São Paulo, com a fundação do histórico grupo *Somos*; no Rio de Janeiro, com o *jornal Lampião*; em Salvador com a criação do *Grupo Gay da Bahia*, o famoso GGB, sendo o primeiro a conseguir registro em cartório (RIBEIRO, 2011, p.155).

Esses grupos assumiram um pioneirismo no nível de movimento organizado nesses territórios urbanos e nos respectivos Estados ao qual estavam sediados. Eram grupos que passavam a dar mais visibilidade aos “não-heterossexuais” e lutavam pelo reconhecimento de seus plenos direitos.

Quando discutimos “empoderamento”, cabe nos recorrermos aos estudos de Horochovski e Meirelles (2007) termo que na concepção destes autores ganhou nos últimos tempos uma enorme visibilidade, sendo definido por estes como:

A definição de empoderamento é próxima da noção de autonomia, pois se refere à capacidade de os indivíduos e grupos poderem decidir sobre as questões que lhes dizem respeito, escolher, enfim entre cursos de ação alternativos em múltiplas esferas – política, econômica, cultural, psicológica, entre outras. Desse modo, trata-se de um atributo, mas também de um processo pelo qual se auge poder e liberdades negativas e positivas. Pode-se, então, pensar o empoderamento como resultante de processos políticos no âmbito dos indivíduos e grupos (HOROCHOVSKI; MEIRELLES, 2007, p.486).

Trata-se de um processo que possibilita mudanças estruturais na forma como se organizam os diversos sujeitos nos espaços coletivos a partir da adoção de estratégias que favoreçam seus interesses em meio às ideologias que orientam as

práticas cotidianas nas organizações. Nesse sentido, estabelece-se que o empoderamento seria um processo utilizado por sujeitos sociais em situação de subordinação como forma de negociar com sujeitos hierarquicamente situados seus intuitos em geral, incluindo-se aí o desejo de ampliação de suas potencialidades (desenvolvimento), o desejo de reconhecimento e valorização pessoal e profissional (afirmação identitária), a busca por melhores condições de recursos materiais (enriquecimento) e também por visibilidade e expressão na estrutura social (ascensão profissional). Assim, o empoderamento incide quando os sujeitos “diferentes” deixam o lugar de marginalização na organização, tornando-se visíveis e dando-lhes condições de estabelecer novos valores em meio à dinâmica simbólica das organizações de trabalho.

TERRITÓRIOS URBANOS E SOCIABILIDADES GAYS

Foram necessários longos anos para que a população LGBT fosse às ruas reivindicar literalmente por reconhecimento, exigir seus direitos a plenos pulmões. Os ruídos do *Stonewall* alcançaram voos mais longos e se insinuaram também entre os homossexuais latino-americanos. Analisando as formações do ativismo homossexual em outros países, James Green salientava que:

Ocorreram mudanças drásticas na América Latina, nas duas últimas décadas. Os movimentos políticos dos gays, lésbicas e transgêneros emergiram em todos os países do continente. Um movimento social que, na época, inspirava-se no massivo movimento dos gays e lésbicas nos Estados Unidos, empreendeu debates políticos nacionais sobre sexualidade, discriminação e os significados da plena participação democrática de todos os setores no processo político (GREEN, 2003, p. 17).

No caso brasileiro, foi entre os anos de 1995 e 1997 que surgiram as primeiras Paradas do Orgulho LGBT, que não passavam de algumas centenas de pessoas cantando palavras de ordem atrás de um carro de som – embora já se deslumbrasse neste contexto, visibilidade a essa diversidade sexual (TRINDADE, 2011). Hoje. Passados 15 anos de paradas, elas são mais de 170, só no Brasil, de janeiro a

dezembro. A maior, em São Paulo, leva à Avenida Paulista anualmente cerca de três milhões de pessoas. É a maior do mundo e também umas das maiores em reivindicações pelos direitos e empoderamento destas minorias (RIBEIRO, 2011).

Mesmo com todas as conquistas alcançadas pelo movimento LGBT nas últimas décadas, fruto de muita luta, ainda temos muito a conquistar no cenário sócio-político brasileiro, especialmente no que tange à homofobia, onde assistimos quase que diariamente pela grande mídia notícias de assassinatos de gays ou agressões das mais variadas tipologias, desde chigamentos até espancamentos de pessoas que pelo simples fato de serem quem são pagam um preço muito alto por isso.

É partindo desse pressuposto que esse artigo traz à tona a discursão da criação pela comunidade gay de territórios ou espaços de convivência onde estes possam se expressarem com maior liberdade, sem a reprovação de uma sociedade heteronormativa, tornando verdadeiros redutos dessas minorias sexuais, tomando como foco de análise o Bairro do Rio Vermelho – Salvador-BA. Para tanto, definiremos *território e territorialidade*³, analisaremos a partir de então como alguns espaços urbanos acabam sendo destinados/delimitados a grupos específicos com identidades também específicas que é o caso de algumas áreas especialmente dos grandes centros urbanos destinados “ao acaso” às comunidades LGBT. O espaço é, portanto, palco de dimensões simbólicas e culturais que o transforma em território a partir de uma identidade própria criada pelos seus habitantes que o apropriam, não necessariamente como propriedade, mas com a ideologia-cultural manifestada nas relações políticas, sociais, econômicas e culturais. Destarte é pertinente a afirmação de Brandão de que “toda identidade só se torna ativamente presente na consciência e na cultura de sujeitos e de um povo quando eles se veem ameaçados a perdê-la” (BRANDÃO apud COSTA, 1998, p. 78).

Esses territórios são comumente chamados nas gírias ou no “*linguajar gay*” de “*espaços de fechoação*”. Por que dessa expressão? “fechar” no cotidiano LGBT significa exercer toda a sua homossexualidade sem nenhum tipo de preocupação com

³ O *território* é a ação social (expressão política) implica a organização dos componentes do espaço geográfico em processos concretos que procuram alcançar os objetivos comuns. Já a *territorialidade*, é a maneira (forma) como os grupos se organizam para fazer a gestão, defender ou integrar seu território, consiste na manifestação dos valores, como o patriotismo, no amor a terra, diferenciação, na afirmação e na competência em relação a outros grupos ou territórios (CORRÊA, 1996, p. 62-63).

quem esteja presente, que vai desde o usar de trejeitos, palavrões, gírias, roupas 'fashion' até trocar carícias com seu parceiro ou parceira sem medo de represálias ou qualquer outro tipo de discriminação.

Desse modo os espaços públicos se caracterizam, de forma geral, por aqueles onde a sua frequência não depende de uma transação comercial, ou seja, pagamento de entrada ou consumo de produtos. São caracterizados por terem sido apropriados como área de convivência homossexual, dado que essa não seria sua função original, havendo assim um processo de (re)territorialização. Dentre os espaços públicos podemos citar alguns que possuem características distintas entre si, principalmente devido ao uso que será dado a esse espaço. Nesse sentido, dentre os espaços públicos de maior utilização, onde é possível de serem encontradas territorializações homoeróticas temos: praias; praças de alimentação de shoppings, determinadas ruas ou praças de determinados bairros da cidade. Além é claro de ambientes fechados, tais como bares, boates, cinemas, saunas onde o público gay pode também exercer sua sexualidade livremente.

Espinheira (1984) denomina de divergência esse tipo de comportamento, nesses espaços, para ele, em certo sentido, funciona como um mecanismo de mudança que não encontrando saída nos padrões de conduta vigentes, superando-os, na procura de preencher necessidades emergentes de determinadas circunstâncias sociais, em coerência com a realidade que as produz. Ainda para o citado autor, um comportamento divergente, quando amplamente observado, perde o sentido de simples desvio ou transgressão para assumir a condição de inovação, mesmo que não consiga se impor em virtude das relações desenvolvidas pelo sistema normativo vigente que o impede ou adia.

O que torna esses espaços públicos um reduto para essas comunidades na maioria das vezes, como dito anteriormente, é a possibilidade de exercerem sua sexualidade livremente, longe dos olhares repressores da sociedade, esses espaços acabam virando ícones de sociabilidade. Lugar livre para ser o que bem quiserem o comportamento divergente do imperado pela sociedade dominante. É nessa "pegada", que mais uma vez recorreremos aos estudos de Espinheira (1984) para elucidarmos o aqui está sendo aqui discutido:

Todo comportamento divergente, aberrante e desviado se relacionam, primeiramente, com o sistema de valores, os transgressores o fazem como sistema legal. [...] os valores são basicamente manifestações culturais, enquanto que as leis apesar de estarem assentadas, em parte, sobre os valores, influenciando-os inclusive, assumem uma identidade própria. Isso não significa que os valores sejam comuns a todos os membros da sociedade, e não o são, mas que o sistema legal não se acha tão estreitamente relacionado com a cultura em sua expressão mais superficial, sendo as leis consideradas como imposições que partem de grupos particularizados na sociedade (ESPINHEIRA, 1984, p. 20-21).

Observa-se, assim, que tanto os comportamentos institucionalizados como os divergentes, são produtos sociais diferenciados unicamente pelo sistema legal. É este sistema em última instância que valora certas condutas, legitimando-as, enquanto que, a outras, atribui os caracteres de anormalidade e patologia sociais. Estão aí enquadradas as condutas divergentes, desviadas, aberrantes e transgressores.

Há um aspecto que Castells (2006) levanta acerca da sociabilidade gay e sua relação com as grandes cidades (metrópoles), e isso importa especialmente para nossa reflexão: um ativista norte-americano, em entrevista a Castells, esclarece a questão: *“quando os gays estão dispersos, não são gays porque são invisíveis”*. Reflete, então, o autor:

São dois os motivos para essa concentração geográfica no estágio inicial da cultura gay: conseguir visibilidade e proteção. [...] O ato fundamental de liberação para os gays foi, e é “aparecer”, expressar publicamente sua identidade e sexualidade para em seguida ressocializarem-se. Mas, como é possível alguém ser abertamente gay no meio de uma sociedade hostil e violenta, cada vez mais insegura a respeito dos valores fundamentais da virilidade e do patriarcalismo? [...] Para poderem se expressar, os gays sempre se juntaram – nos tempos modernos em bares e lugares social e culturalmente marcados. Quando se conscientizaram e sentiram-se suficientemente fortes para “assumirem” coletivamente, passaram a escolher lugares onde se sentiam seguros e podiam inventar novas vidas para si próprios (CASTELLS, 2006, p. 45).

Alinhando-nos o pensamento do autor, defendemos que os gays na contemporaneidade estão mais articulados e conscientes dos seus direitos do que em décadas anteriores. Isso, devemos aos inúmeros movimentos realizados ao longo das décadas que acabou culminando em uma melhoria para esses coletivos, embora, com

todas essas conquistas ainda predomina o preconceito e a discriminação sobre estes.

Estes espaços devidamente destinados a uma convivência gay têm nos últimos anos merecido estudos de diversos pesquisadores, dentre eles a nível de Estado da Bahia e em especial a cidade de Salvador podemos citar o estudo do antropólogo Luiz Mott, quem publicou uma pesquisa na qual mapeava a extensão da “cena gay” em Salvador no final dos anos 1990 e oferecia subsídios para a prevenção da AIDS. Em sua obra, Mott (2000, p. 13) definiu a “cena gay” como sendo “os espaços ao ar livre, logradouros urbanos e estabelecimentos comerciais que servem de nicho ecológico para sociabilização e encontros de variados graus entre homens com atração homossexual”.

DEPOIMENTOS, DISCURSOS E REPRESENTAÇÕES: O BAIRRO DO RIO VERMELHO

A capital baiana é famosa pela sua arquitetura, culinária e por ser uma das cidades turísticas mais conhecidas do Brasil e do mundo, além do título de primeira capital do país, sede da administração à época da colônia.

A cidade de Salvador, de acordo com os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2016), concentra uma população superior a três milhões de habitantes. Terceira cidade mais populosa do Brasil e a sétima região metropolitana em número de habitantes. Segundo a Companhia de Desenvolvimento Urbano do Estado da Bahia:

Geograficamente, Salvador é dividida em dois níveis: a Cidade Baixa, banhada pela Baía de Todos os Santos e centro das atividades portuárias e do comércio em atacado, e a Cidade Alta, onde predominam bairros residenciais, estabelecimentos de comércio de varejo e edifícios da administração pública (BAHIA, 2016, p. 24).

Localizado entre os bairros de Ondina e Amaralina, tendo ao norte o Engenho Velho da Federação, Santa Cruz e o Nordeste de Amaralina, o bairro do Rio Vermelho, é conhecido pelo clima boêmio, pelos acarajés de Cira, de Regina e de Dinha, e pela colônia de pescadores, seus moradores comemoram anualmente, no dia 2 de fevereiro, a Festa de Iemanjá, rainha do mar. Neste bairro estão situados luxuosos

hotéis e pousadas, sendo intensa sua vida noturna.

Abençoada com uma natureza e clima agradáveis e um povo simpático, Salvador é um dos melhores destinos GLS para turistas de todas as partes do mundo. A cidade não só atrai pessoas durante o verão, quando ocorre o maior carnaval de rua do planeta, mas também no período de baixa estação, onde bares, boates, restaurantes e casa de show estão com as portas abertas para receber o visitante da melhor forma possível. Apesar de reportar focos de preconceito e discriminação, Salvador tem apresentado consideráveis mudanças em sua estrutura, incluindo o Observatório de Combate a Homofobia e a Lei Municipal 5.275/97, proibindo qualquer desacato aos homossexuais na “terra da felicidade” (CORREIO, 2017).

A fim de melhor discutir e espacializar a supracitada temática, alguns depoimentos e discursos foram necessários na composição deste artigo, para tanto, algumas entrevistas foram realizadas com membros da comunidade LGBT, assistimos algumas entrevistas com frequentadores da “cena gay noturna” frequentamos alguns ambientes que compõem esses espaços, tais como: bares, boates, praças públicas, para termos uma noção real dos chamados “territórios gays”. Tomamos como *locus* a capital baiana e em especial o famoso bairro boêmio do Rio Vermelho em Salvador, Bahia.

Os espaços acima retratados ficam em uma das áreas mais movimentada do bairro do Rio Vermelho, conhecidas como Largo de Santana, fica próximo da famosa colônia dos pescadores, onde acontece anualmente a festa em homenagem ao orixá das águas salgadas, Iemanjá, reunindo uma multidão imensa de fiéis e admiradores.

Bairro conhecido pelas festas, comemorações que acontecem, principalmente depois da sua requalificação. De locais com mesas na calçada a outros que são quase clubes noturnos, de jazz ao vivo a karaokê, os bares gays dentro da comunidade homossexual de Salvador, é tido como um dos espaços de “fechação gay”. De segunda a domingo há opções para todos os gostos e bolsos. Neste bairro, possui toda uma programação voltada para esse tipo de público, como bares e restaurantes, boate que atende especialmente a este segmento. Com todos esses atributos, o supracitado espaço ficou bem conhecido na “cena gay de Salvador”, claro que há outros espaços pela cidade que vem também atender à comunidade LGBT, porém, o que mais nos chamou atenção durante nossas observações foi justamente o Bairro do Rio Vermelho.

Quando perguntamos qual local de Salvador era ideal para frequentar, ouvimos as seguintes observações:

Gosto muito de frequentar o Rio Vermelho, porque é de fácil acesso, tem transporte para lá toda hora, apesar da insegurança dos últimos meses por lá, mas inda é o melhor local, os bares são sofisticados, nos atende bem, as pessoas não nos olham atravessados, com preconceito, tem uma boate gay ali que a gente acaba amanhecendo o dia por lá. Tem gente bonita, você pode namorar à vontade sem medo de represália, as pessoas sabem que você é gay e pronto (MARCOS, 35 anos).

As imagens acima mostram, atualmente, umas das casas noturnas gays mais conhecidas da cidade, e que também está localizada no supracitado bairro, reunindo nos finais de semana uma significativa quantidade de gays, lésbicas, bissexuais, etc. Vale ressaltar, que embora seja uma boate gay, ela também recebe todos os segmentos.

Neste outros dois depoimentos, percebemos uma preocupação com a segurança do público LGBT, o que acaba levando essas pessoas a procurarem lugares que ofereçam além de segurança, conforto. Vejamos:

Estima-se que a cada dia, um homossexual morre de forma violenta no país. E isso às vezes nos leva a ficar em casa “escondidos”, o medo de sair vivo e não voltar é constante em qualquer lugar e aqui em Salvador não é diferente. Quando surgiu toda essa vida noturna aqui neste bairro, ficou mais tranquilo, na Barra também era muito bom, mas eu acho o Bairro da Barra muito apertado, aqui é mais espaçoso. Além dos bares e boates serem sofisticados e com certa segurança (JOÃO, 25 anos).

Quando um gay ou uma lésbica quer sair para se divertir aqui em Salvador é preciso tomar alguns cuidados, primeiro que não é qualquer lugar que você pode ficar à vontade, sempre tem alguém olhando, ou então cochichando alguma “coisinha” para os amigos da mesa. Um dos poucos lugares que ainda apresenta condições da gente ser quem nós somos é aqui no Rio Vermelho. Aqui temos uma boate LGBT, temos bares gays, boa música e boa comida, em fim, que isso seja preservado. Eu não tenho coragem de sair da minha casa para ir a outros lugares aqui de Salvador, corro o risco de ser alvo de homofóbicos. Embora, aqui também já tenham ocorrido alguns casos de homofobia (LUCAS, 22 anos).

Vale ressaltar que, embora o público LGBT opte por este bairro como um

espaço em que possa expressar-se enquanto identidade de condição gay, em Junho de 2016 um jovem denominado Leonardo Moura de 30 anos, seu corpo foi encontrado na praia da Paciência após ter sofrido agressões ao sair de uma boate gay no bairro do Rio Vermelho. A suspeita dos familiares é que Leonardo Moura tenha sido vítima de um caso de homofobia. Apesar de ser um espaço urbano onde este segmento social possa expressar sua territorialidade, ele também inspira alguns cuidados para com esta população.

À GUIA DE UMA CONCLUSÃO

Ao longo deste texto, procurou-se entender um pouco sobre como se dá a formação da territorialidade a partir de uma determinada identidade, de um determinado grupo. Vimos que os homossexuais, além da busca de um campo simbólico que os façam ser reconhecidos por seus semelhantes, em muitos casos procuram nos territórios de convivência uma proteção, pelo medo do preconceito, da rejeição, fazendo com que o território definido por essa identidade seja não só um local de convivência, mas também um espaço de fuga, um refúgio, onde o indivíduo poderá exercer sua identidade de forma plena, sem ser repreendido.

Portanto gostaríamos com esse trabalho deixar uma reflexão sobre esse tema, destacando os preconceitos que perpassam a sociedade, revendo posturas, para que cada vez mais possamos pensar numa sociedade igualitária, onde todas as identidades sejam respeitadas, e onde os territórios como os de convivência homossexual não sirvam mais como um abrigo, como esconderijo, mas como um local de convivência pacífica, onde todos circulem sem medo do diferente, e principalmente, que essa diferença seja respeitada também fora desses territórios, não havendo mais exclusões, nem discriminações.

A inclusão social implica democratização dos espaços sociais, a crença na diversidade como valor. Incluir não é apenas colocar junto, e, principalmente, não é negar a diferença, mas respeitá-la como constitutiva do humano. Se em aparência a afirmação das diferenças se apresenta de forma antiética e discriminatória, por outro lado ela pode auxiliar na sensibilização dos sujeitos sociais quanto à aceitação das diferenças como premissa básica na criação de vínculos e laços sociais, o que poderia

amenizar a exclusão, a intolerância e a injustiça.

REFERÊNCIAS

ANGROSINO, Michael. **Etnografia e observação participante**. Porto Alegre: Artmed, 2009 (Coleção Pesquisa Qualitativa).

BAHIA. CONDER. Companhia de Desenvolvimento Urbano do Estado da Bahia. **Painel de informações**: dados socioeconômicos do município de Salvador por bairros e prefeituras-bairro/Sistema de Informações Geográficas Urbanas do Estado da Bahia (INFORMS - Organizador). 5. ed. Salvador: CONDER/ INFORMS, 2016.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**: a condição feminina e a violência simbólica. Tradução Maria Helena Kuhner. 4. ed. Rio de Janeiro: BestBolso, 2017.

BRASIL. Comissão Nacional da Verdade. **Relatório**: textos. Brasília: CNV, 2014. 416 p. (Relatório Comissão Nacional da Verdade; v.2). Disponível em: <http://www.cnv.gov.br/images/pdf/relatorio/volume_2_digital.pdf>. Acesso em: 25 jun. 2017.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. Tradução Klauss Brandini Gerhardt. São Paulo, SP: Paz e Terra, 2006. (A era da informação: economia, sociedade e cultura; v.2).

CORRÊA, Roberto Lobato. Territorialidade e corporação: um exemplo. In SANTOS, M. et al. (Org.). **Território**: globalização e fragmentação. 3. ed. São Paul: Hucitec, 1996, p. 251-256.

COSTA, Rogério Haesbaert da. **Latifúndio e identidade regional**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1998.

ESPINHEIRA, Gey. **Divergência e prostituição**: uma análise sociológica da Comunidade Prostitucional do Maciel. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1984.

GREEN, James N. A luta pela igualdade: Desejos, homossexualidade e a esquerda na América Latina. **Cadernos AEL, Homossexualidade**: sociedade, movimento e lutas, v. 10, n.18-19, p. 13-43, 2003.

CORREIO. *Guia do ócio*. Disponível em: <<https://www.correio24horas.com.br/.../guia-do-ocio-apresenta-novos-olhares-sobre-a-ca>>. Acesso em: 05 abr. 2017.

HALL, Stuart. **Da Diáspora**. Identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. 133p.

HOROCHOVSKI, Rodrigo Rossi; MEIRELLES, Giselle. Problematizando o conceito de empoderamento. In: **Anais... SEMINÁRIO NACIONAL MOVIMENTOS SOCIAIS, PARTICIPAÇÃO E DEMOCRACIA**, 2, 2007, Florianópolis, Brasil. *Anais...* Florianópolis: UFSC, 2007. Disponível em http://www.sociologia.ufsc.br/npms/rodrigo_horochovski_meirelles.pdf. Acesso em: 05 abr. 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Dados gerais do município de Salvador**, 2016.

MIRANDA, Francielle Felipe. F. de. **Heteronormatividade**: uma leitura sobre construção e implica na publicidade. *Fragments de Cultura*, Goiânia, v. 20, n. 1-2, p.81-94, jan./fev. 2010.

MOTT, L. R. B. **A cena gay em Salvador em tempos de Aids**. Salvador: Grupo Gay da Bahia; Ministério da Saúde, 2000.

PEREIRA, Ricardo Alexandre. **O ritual da balada**: construções de corporalidades e performances de gênero em contextos homoeróticos. 2004. (Monografia) – Universidade Federal do Paraná (UFP), Curitiba, 2004.

REVISTA CARTA CAPITAL. **Em São Paulo, 70% dos homossexuais já sofreram agressões**. Publicado 26 jul. 2012. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/na-capital-70-dos-homossexuais-ja-sofreram-agressoes>. Acesso em: 05 abr. 2017.

RIBEIRO, Deco. Stonewall: 40 anos de luta pelo reconhecimento LGBT. In: COLLING, Leandro. (Org). **Stonewall 40 + o que no Brasil?** – Salvador: EDUFBA, (Coleção CULT; n.9), 2011. p. 153-156.

SEFFNER, Fernando. Composições (com) e resistências (à) norma: pensando corpo, saúde, políticas e direitos LGBT. In: COLLING, Leandro (Org.). **Stonewall 40 + o que no Brasil?** Salvador, 2011. p. 57-78. (Coleção CULT; n. 9).

TRINDADE, Ronaldo. O mito da multidão: uma breve história da parada gay de São Paulo. **Gênero**, Niterói, v. 11, n. 2, p. 73-97, 2011.

Celio Silva Meira - Doutorando em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Social pela Universidade Católica do Salvador (UCSal). Mestre em Ciências Ambientais e Desenvolvimento Sustentável pelo PPGCA da UESB. Especialista em Psicologia da Educação e Antropologia com Ênfase em Culturas Afro-Brasileiras UESB. Graduado em Geografia pela UESB e Ciências Sociais pela UNIMES. Professor de Geografia e Sociologia do Colégio Estadual Dr. Roberto Santos e da Escola Municipal Luís Heraldo Duarte Curvelo, Poções- Bahia, membro dos seguintes grupos de pesquisa: Cultura, Ambiente e Sociedade: Linguagem e Design Social (CASLIDS)- UESB e Desenvolvimento Sociedade e Natureza (DSN) UCSal, pesquisador das temáticas: comunidades tradicionais de religiões de matriz africana (especialmente Umbanda),recursos naturais e religião, memória e espaço, sexualidade e gênero.

Recebido para publicação em 10 de fevereiro de 2018.

Aceito para publicação em 18 de maio de 2018.

Publicado em 23 de maio de 2018.